

---

## **TERRITORIALIDADES FESTIVAS LGBTQIAP+: UMA CRÍTICA AO DUALISMO ESTRUTURAL DA SEXUALIDADE A PARTIR DOS MODOS DE SER-EM-SITUAÇÃO**

**Tiago Rodrigues Moreira**

Doutorando em Geografia do Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), LAGERR  
Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (FCA-Unicamp)  
[t229845@dac.unicamp.br](mailto:t229845@dac.unicamp.br)

**Eduardo Marandola Jr.**

Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR)  
[eduardo.marandola@fca.unicamp.br](mailto:eduardo.marandola@fca.unicamp.br)

### **RESUMO**

O fenômeno da sexualidade, por um bom tempo, fora pensado em dualismos estruturais, principalmente nas relações afetivas, portanto, o dualismo estrutural da sexualidade remete aos lugares comuns da sociedade. A teoria da estruturação de Anthony Giddens nos aponta caminhos para romper com esse dualismo, apostando na dualidade existente entre agência e estrutura. O argumento da territorialidade festiva, mantém-se justamente na senda da possibilidade de rasurar o dualismo da sexualidade. Desse modo, partimos de experiências vividas a partir de festas LGBTQIAP+ para deslindar a situacionalidade das questões em voga da sexualidade e de gênero. Para tanto, nos apropriamos do método ontofenomenológico sartreano para fundamentar o campo de embate. O texto aponta para possíveis “oásis” em uma cidade interiorana paulista.

**Palavras-chave:** Sexualidade-em-situação; Gênero; Oásis; Experiência

### **LGBTQIAP+ FESTIVE TERRITORIALITIES: A CRITIQUE TO THE STRUCTURAL DUALISM OF SEXUALITY FROM THE WAYS OF BEING-IN-SITUATION**

#### **ABSTRACT**

The phenomenon of sexuality, for a long time, was thought of as dualisms and developed mainly in affective relationships, therefore, the structural dualism of sexuality refers to common places in society. The Giddensian theory points us to ways to break with this dualism, betting on the existing duality in agency and structure. The argument of festive territoriality remains precisely in line with the possibility of erasing the dualism of sexuality. In this way, we start from experiences lived from LGBTQIAP+ parties to unravel the situation of the issues in vogue of sexuality and gender. To do so, we appropriated the Sartrean ontophenomenological method to support the field of conflict. Therefore, our effort has the character of calling attention to possible “oases” in an inner city of São Paulo.

**Keywords:** Sexuality-in-situation; Gender; Oasis; Experience

## **Areias ao vento**

Michel Foucault, filósofo francês do século passado, reverbera em “História da sexualidade 3: o cuidado de si” elementos que colaboram com a nossa problemática aqui exposta. Para ele, o movimento ocidental moderno sistematizou nossa existência por binaridades, desse modo “o ser humano é [...] considerado — binário por constituição; ele é feito para viver a dois, numa relação que, ao mesmo tempo, lhe dê uma descendência e lhe permita passar a vida com um parceiro” (Foucault, 2013, p.155).

Ainda sob efeito da correnteza da modernidade, fomos levados a acreditar no dualismo estrutural colocado a nós. Por isso, quando remetemos a sexualidade e gênero, retomamos algumas naturalizações e generalizações dependentes da nossa relação estrutural com tais fenômenos. Por que ainda falamos de separação entre sensibilidade e razão? Entre poesia e ciência, entre homem e mulher, homossexual e heterossexual?

Grande parte do nosso tempo estamos nos dividindo e nos segregando. Isso decorre desde o advento da globalização, o apego pela modernidade, pela ideologia de uma liberdade que nunca é livre, ainda continua na chave da oposição entre sujeito e razão, e isso desemboca na crítica giddensiana sobre o dualismo estrutural entre agência e estrutura.

Anthony Giddens, sociólogo britânico, não se debruça efetivamente sobre a problemática de gênero e sexualidade, no entanto, no livro “Sociologia” publicado sua primeira versão no ano de 1989, nos brinda com um capítulo que versa sobre “gênero e sexualidade”. Desta feita, no que se remete a homossexualidade, o autor salienta “a homossexualidade, a orientação sexual ou os sentimentos afetivos entre indivíduos do mesmo sexo, existe em todas as culturas. Nalgumas culturas não ocidentais, as relações homossexuais são aceitas e até incentivadas em determinados grupos” (GIDDENS, 2005, p. 131). Desse modo, para ele, “a vida sexual nas sociedades modernas, como em muitas outras, está a sofrer mudanças importantes que afetam a vida emocional da maioria de nós (GIDDENS, 2005, p. 114).

Giddens (2000), então, estabelece um esforço para tentar superar os caminhos objetivistas que acabam materializando as estruturas sociais, fazendo delas uma visão determinista do fato. Para isso, o autor britânico postula uma maneira de superar

o dualismo, apostando na noção de dualidade, em que ação e estrutura não são independentes entre si, mas construtivas uma da outra.

Esse movimento crítico de Giddens (2000; 2005) nos lança para outro, perceber como nos relacionamos com as territorialidades que vivenciamos a ponto de encará-las também como categorias dualista que segregam as existências. Para isso, alguns geógrafos têm se voltando a pensar a territorialidade para além do dualismo estrutural, circunscrevendo-a a partir da dimensão vivida dos sujeitos. Chamando a atenção para seus sentidos horizontais e fluidos que contam com o apoio das relações de poder que se manifestam na malha existencial humana (SACK, 1986, BONNEMAISON, 2002; CLAVAL, 1999; HAESBAERT, 2001, COSTA, 2005, DE PAULA, 2011).

Refletindo sobre como a influência dos territórios reverberam nossas relações afetivas, não podemos deixar de lado a crítica ao pensamento ocidental pois, o mesmo segmenta as sociedades em gêneros opostos, masculino e feminino, e em sexualidades igualmente afastadas, heterossexualidade e homossexualidade. Como se vivêssemos em uma macroestrutura de gênero, na qual a predominância em dualismos se engendra a partir das relações que emergem de determinados grupos sociais. Porém, atualmente assume-se a existência e força de sujeitos que estão fora dessa binaridade imposta socialmente, como gays, lésbicas, travestis e transsexuais (CABRAL, ORNAT; SILVA, 2013, p.118) - que ainda batalham arduamente pelo reconhecimento de suas causas e pela garantia de seus direitos.

Judith Butler (2019) em “Problemas de gênero” afirma que essa relação binária é exercida através do poder e das relações que são construídas entre “homens” e “mulheres”. Sendo assim, na esteira da existência humana, somos levados a acreditar que nossas relações se voltam para questões dualistas de controle e poder, assim como Michel Foucault já havia nos sinalizado.

Refletir sobre a estrutura e os mecanismos dualistas que vem a reboque, nos coloca na fissura do pensamento giddeniano, que também somos embalados a pensar nas territorialidades festivas LGBTQIAP+. Limeira, cidade do interior de São Paulo, apresenta algumas possibilidades de dar vazão ao que propomos. Desse modo, as territorialidades festivas aqui relatadas reorientam nosso pensar para com o pensamento do dualismo estrutural, corroborando para as aberturas dos modos de ser-em-situação a partir da realidade existencial vivida pelos LGBTQIAP+.

Nosso esforço nesse ensaio, remete justamente de colocar a sexualidade em situação, no puro movimento, para fora, desaprisionando-a desse dualismo. A proposta baseia-se nas experiências vividas nas territorialidades festivas LGBTQIAP+ na cidade de Limeira-SP. O fluxo de festas LGBTQIAP+ se concentram as margens da cidade, para determinados públicos. A partir disso, que tomamos uso da metáfora de oásis, para fazer alusão a essas territorialidades festivas marginalizadas.

### **Oásis**

O fenômeno festa sempre esteve atrelado a socialização de povos e culturas, perfazendo assim, ambiências de relevância social e de lazer, no âmbito de conhecer pessoas, extravasar, comemorar, negociar, as festas em si carregam o peso do encontro com o Outro. Ou até mesmo pode ser compreendida como uma marca no cotidiano, embaladas pelos ritmos da vida familiar ou da vida coletiva.

Da Matta (1990) interpreta a festa como um momento de desconstrução da ordem. Nessa mesma clivagem afirma Duvignaud (1977) a festa destrói todas as regras, fazendo da festa um momento a-estrutural, onde a mesma quebra as barreiras dos papéis que são pré-definidos pela sociedade em si, instaurando um estado de indeterminação. Ferreira (2003) argumenta que Duvignaud (1977) não nega que a festa seja uma prática social, o autor aponta para que as distorções ocorridas nas festas não se encaixam no sentido de conservação e reprodução da sociedade.

As festas possuem um caráter para além de desordem como apontado os autores, ela manifesta uma possibilidade de integração de ligação entre o ser que festiva junto à comunidade festeira, que ambos são embalados pelos movimentos de integração e rompimento de algumas barreiras, binaridades e dualismos.

O fenômeno festa se instaura numa tensão, como bem defendido por Ferreira (2003): “a festa pode ser entendida como um conflito pela hegemonia do discurso festivo, realizado através de qualificações e desqualificações, de lembranças e esquecimentos, de enfrentamentos, enfim, que determinam e são determinados pelo espaço festivo”. Voltamos à questão do dualismo que sempre nos assombra, a festa aqui tensionada, se projeta como uma estrutura de dominância. O que precisamos fazer, é romper com esses dualismos imbricados no fenômeno festa, assumindo que

ela pode simplesmente ser uma possibilidade polissêmica aberta e articuladora do público.

Mas não podemos deixar de lado, as características de luta embutidas em uma festa, circunscrevemos aqui as festas de cunho LGBTQIAP+. Para além dos momentos onde as alegrias e emoções estão afloradas, se trava uma batalha festiva. Essa batalha festiva é paralelamente vivida com a sensação dos afetos.

No decorrer do ingerir alcoólico (ou não), a alegria se esbarra em todos, todos os olhares de satisfação, de desejo, de atração, de procura e de xaveco. Os olhares de um casal atraído é o primeiro passo para um possível beijo, ou uma conversa. A potência de um piscar, de um sorriso de canto, encanta a quem recebe. A música preferida é um enlevo para esse momento, é a hora em que ninguém segura o corpo, ele se deixa ser conduzido pelas batidas do som e pelo ritmo da letra. A parada no canto para os fumantes é o ponto principal para uma conversa mais calma e com menos barulho, a troca de informações é crucial naquele momento, para que formem as redes.

Todas essas situações são características de festa, não somente uma balada LGBTQIAP+, a procura pela alegria e pelo sorriso alheio, é encontrado nas baladas gays, muitos de meus amigos héteros, dizem, “o bom de ir à balada gay é que o povo dança, e não quer briga com ninguém”.

Embalados pela música, o corpo sente a vibração das caixas de som, e começa automaticamente um remelexo nas pontas dos pés, dando sinal de que o corpo quer se movimentar, que as mãos querem ir para o alto e que a voz quer ser soltar, liberar o grito vem de uma força que reluz no ato de gritar, de esbravejar, de anunciar que estão vivos, que são pessoas, que para além de ser homens gays, são gente como todo mundo. Nesses lugares que menciono ao longo do texto é notória a percepção de bem estar momentâneo ou quiçá, chamaremos aqui de felicidade, mas com cuidado.

Participando das festas e interagindo, é perceptível um certo companheirismo entre a comunidade, mas, mesmo assim ainda ressoa alguns conflitos territoriais, emotivos, sensitivos. Mas sim, a uma série de conflitos existentes nos territórios festivos.

O movimentar da festa é mágico, nunca se viu a pessoa e já saem de lá como se conhecessem a anos. Todo movimento festivo é um encontro de comunidades, de pessoas que se encontram para celebrar em ser gay, bicha, viado, lésbica, sapa, drag, travestis e trans.

A territorialidade festiva urge da união e das parcerias entre esses grupos para propiciar o encontro. Talvez esse momento festivo esteja centrado tanto em festas LGBTQIAP+ devido à supremacia heteronormativa existente no Brasil, ou seja, essa territorialidade venha ser uma possibilidade de extravasar dos seus problemas internos, querendo extrapolar os “limites” que lhe são impostos pela sociedade.

Não obstante, é notória a presença das relações de poder ali sublimadas nas conversas das pessoas, os limites da territorialidade esboçado pelo simples gesto ou os modos de se relacionar. Seja de modo agradável ou grosseiro. Um cumprimentar ríspido é o suficiente para materializar as relações sociais. No entanto, não de um modo que oblique a existência do outro, e sim, a partir dessa prerrogativa, cada um reverbera sua satisfação de um modo.

### **Territorialidades como aberturas marginais festivas**

Há na academia uma série de frentes que debruçam seus estudos as questões de território e territorialidade, isso significa que há uma pluralidade de sentido nesses dois conceitos aqui sublinhados. Se atendo as questões epistemológicas, albergamos aqui as noções do geógrafo David Sack (1986) uma vez que a sua discussão amplia a noção de território para além do animal destacando-se como uma manifestação instintiva, nesse caso, ela é “a tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, e relações, delimitando o controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986, p. 19).

Diante dessa problemática, trazemos para um âmbito geográfico de localização para a nossa discussão. Essas territorialidades marginais que aqui nomeamos, fazem menção ao tópico anterior, as festas de cunho LGBTQIAP+. Elas que colorem, descolorem, borram os escritos aqui nesse texto. É a partir dessa abertura marginal festiva que desenvolvemos as frases que segue.

Segundo Sack (1986, p. 19), “diferentemente de outros tipos ordinários de lugar, territórios exigem constante esforço para o seu estabelecimento e manutenção”. Isso

está intimamente ligado as questões de pertencimento junto ao território festivo. Para Sack (1986), os territórios são as maneiras que foram construídas via social, e que as relações e o manejo dependem dos propósitos de quem está no controle do mesmo, ou seja, “[...] territorialidade aponta para o fato de que as relações humanas no espaço não são neutras” (SACK, 1986, p. 26). Elas são carregadas de sentidos, e esses sentidos para Sack (1986) são pautados em intencionalidade, construção social, estratégias e ações espaciais. Todos esses sentidos são componentes para a formação da territorialidade.

Podemos ver que as festas LGBTQIAP+, aqui no caso, estão fortemente ligadas a esses sentidos que compõe a territorialidade. Há intencionalidade de se fazer uma festa voltada para o social, evidenciando rupturas e marcas de opressão na sociedade que foge das binaridades impostas. Pensando nas estratégias a partir de uma melhoria para a comunidade, sempre vigiando para que não se sabote a mesma.

Nesse caso, estamos atrelando a territorialidade à uma certa construção social, e que deve fugir de ser classificada como neutra, ou como aspectos normativos estruturais, mas que essas pessoas escolhem as festas LGBTQIAP+ por diversos motivos e diversas opiniões sobre. Como aponta o próprio autor,

peças não interagem e se movem no espaço como bolas de bilhar. A interação humana, o movimento e o contato são uma questão de transmissão de energia e informação com o objetivo de afetar, influenciar e controlar as ideias e ações de outros e o seu acesso a recursos. Relações humanas espaciais são resultado de influência e poder. A territorialidade é a forma espacial primária assumida pelo poder (SACK, 1986, p. 26).

Cabe aqui uma explicação que é fundante nesse momento, para Sack (1986), o que move a constituição da territorialidade está profundamente arraigado ao sentido de escolha e de liberdade, como que o sujeito LGBTQIAP+ se relaciona, organiza e usufrui daquele território, é que dá sentido a territorialidade, ou seja, o modo de como esse sujeito se manifesta e se doa no território festivo.

### **Redesenhando os debates sobre dualismo estrutural, gênero e sexualidade**

*“Todos provavelmente já passaram pela experiência, em algum momento de sentir-se perdido, ou de não saber que direção tomar a um destino desejado”  
INGOLD, 2005.*

Ingold (2005) a partir dessa epígrafe, inicia seu texto sobre caminho, mapas cognitivos, sobre possibilidade de se achar no mundo. De maneira atrevida, circunscrevo essa frase do mesmo para iniciar o debate nesse ensaio. Quem nunca se sentiu perdido? Ou se quer sem saber a direção que tomar, se quer saber de fato em quem se tornou, quem de fundo é, quem de fato é realmente. Desloco a citação de Ingold (2005) para a comunidade LGBTQI+ – sabendo da existência de deslocamentos assim para a sociedade hétero – mas incisivamente para os homens gays, sejam eles, os ursos, as-os afeminadas-os, as pocs, bichas, fora do padrão, padrões, e todos aqueles sentiram sem saber para onde iam, o porquê que isso ocorre.

Ele(a)s estão por aí, em territórios desmedidos, medidos, milimetricamente medidos para que os mesmos não se sintam confortáveis em estar. A própria estrutura que estamos escrevendo sobre, já estruturou papéis a serem desenvolvidos na sociedade, e os que não “correspondem” a esses papéis são rapidamente descartados onde não são aceitos seus fenótipos extravagantes e “diferentes” subversivos..

Giddens (2000), como já bem salientado nesse texto, questiona sobre o problema do dualismo na ciência. De uma mesma maneira o geógrafo Rogério Haesbaert (1990) tece alguns apontamentos sobre uma possível saída do dualismo,

rompendo com os dualismos, se assuma um projeto profundamente renovador, que nunca se pretenda acabado, que respeite as diversidade e assimile, ao lado da igualdade e do “bom senso”, a convivência com o conflito e a conseqüente busca permanente de novas alternativas para uma sociedade menos opressiva e condicionadora – onde efetivamente se aceite que o homem é dotado não apenas de poder de (re)produzir, mas sobretudo de criar, e que a criação é suficientemente aberta para não se restringir às determinações da razão (HAESBAERT, 1990, p.84).

Haesbaert destaca o dualismo nas questões em cima do território, onde o mesmo não pode ser tratado como um instrumento de domínio político e/ou espaço de exercício de uma (pretensa) cidadania, mas efetivamente um espaço de identificação e (re)criação do/com o mundo, natureza (HAESBAERT, 1997, p. 31).

Discutir questões sobre territorialidade, questões de gênero e sexualidade no nosso mundo de hoje, século XXI, afundado em problemas políticos nos remetem em



tomar certas atitudes, e acredito que essa discussão seja o prisma do território e gênero. Isso tudo porque Butler (2019, p. 12) salienta que “a complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e de radicalizar a noção de crítica feminista”.

Butler (2019) também discorre críticas ao modelo dicotômico de fazer ciência. A dicotomia sexo/gênero retomaria, em partes, o modelo cartesiano que separa o corpo e a mente, onde a mente seria a essência que subjuga e ao mesmo tempo tenta livrar-se da corporificação (BUTLER, 2019, p. 32).

Se afirmo que as territorialidades festivas são possíveis aberturas marginais para que a população LGBTQIAP+ possa se interagir e participar de maneira efetiva e autêntica, é uma maneira de quebrar essa roda do dualismo e dos problemas estruturais e de gênero.

### **Mix no oásis**

Acreditamos que na trama da existência humana, um problema se mescla com o outro, e por assim acabam formando outros problemas. Tanto as territorialidades aqui entendidas como uma construção social que é passível de intencionalidade, pertencimento, e presença, podemos evidenciar que as territorialidades festivas LGBTQIAP+ em Limeira, atuam como um oásis em meio um deserto.

Oásis a grosso modo, seria um determinado lugar onde há uma enorme discrepância de sentidos e significados dos outros lugares ao seu redor. Nesse sentido, temos Limeira, cidade interiorana paulista, que abriga cerca de 300.000 habitantes. É inexistente alguma boate de cunho LGBTQIAP+, existe alguns bares que possuem uma faixa para agregar clientes, como pontos de resistência. Então, as festas ocorridas aqui, das quais nomeio de territorialidade festiva se encarrega de fazer o papel do social e político para a comunidade LGBTQIAP+.

As territorialidades festivas estudadas aqui, possuem o caráter de agregar o próprio público que, como vimos nos parágrafos acima, são públicos dissonantes da estrutura machista e patriarcal brasileira. Assim como Giddens (2000) promove uma trinca no dualismo, e uma possibilidade pensar em dualidade dessa ação e estrutura,

ao trazer Butler (2019) e Sack (2003), estou afirmando uma probabilidade de um caminho entre pertencimento, liberdade de escolha, ação política e ação social.

O oásis é fruto da ação política, sentido de territorialidade, afetividade, o uso da estrutura como manejo da festa, o momento festivo como uma própria resposta de existência e resistência dos povos LGBTQIAP+.

## Referências

- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismos e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. 17ª ed. Editora: civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2019.
- CABRAL, Vinicius, ORNAT, Marcio J. e SILVA, Joseli M. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente prudente, n.35, volume especial, p.118-135, 2013.
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 7-26, 1999.
- COSTA, Benhur P. As relações entre território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. p. 79-114.
- DE PAULA, Fernanda Cristina. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. **GeoTextos**, vol. 7, n. 1, jul. 2011. F. Paula. 105-126
- DUVIGNAUD, Jean. **Le don du rien**: essai d'anthropologie de la fête. Paris: Stock, 1977.
- FERREIRA, L. F. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ, n. 15, jan./jun. 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**: O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- GIDEENS, Antony. **Dualidade da estrutura**: agência e estrutura. Trad. Octávio Gameiro. Editora: Celta. 1ª edição. Oieras Portugal. 2000.
- GIDEENS, Antony. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2005.
- HAESBAERT, R. Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade. **Terra Livre**, N°7, São Paulo. 1990.

HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade. **Espaço e cultura**, UERJ, RJnº 3, jan./jan.1997.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descoberta-de-caminho e navegação. In **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 25 (1): 72-75, 2005.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **Os malditos da terra**. In: Situações V. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.